

# Opiniões divididas

Usuários da rede municipal criticaram o fim da emergência do Hospital Rocha Maia, em Botafogo (Zona Sul), uma das mudanças previstas no atendimento da rede municipal de Saúde. A aposentada Clara Rodrigues Damaceno, 61 anos, foi um das que criticou a medida. "É péssimo. Não ouvimos dizer que vão abrir novos hospitais e novas emergências. Só ouvimos más notícias", lamentou ela, que é moradora de Botafogo e cuja mãe, Nanthilde Leite, de 88 anos, está internada na emergência do Rocha Maia com complicações hepáticas.

O comerciante Paulino Assis, 51 anos, também não entende o fim da emergência do Rocha Maia. "É errado acabar com o que já existe", opina. Ele, no entanto, teve que transferir, ontem, um funcionário do Rocha Maia para o Hospital Miguel Couto, no Leblon (Zona Sul). "Não sei o que houve, mas ele me ligou dizendo que estava sendo transferido depois de esperar uma hora no Rocha Maia", contou.

Mesmo diante da falta de estrutura do Rocha Maia, o comerciante não aprova o fim definitivo da emergência. "Vai ser um problema para quem mora em Botafogo. A pessoa vai ter que sair de lá e vir para o Leblon. Até chegar ao Miguel Couto, a situação pode ter se agravado", acredita.

No réveillon, o Rocha Maia foi um dos hospitais referência selecionados pela Secretaria

Municipal de Saúde para realizar os atendimentos de emergência. No entanto, nenhuma preparação foi feita na unidade. Os casos foram encaminhados para os hospitais Miguel Couto e Souza Aguiar.

Um outra medida, que determina que só permanecerá internado no Miguel Couto pacientes que estiverem correndo algum risco, também foi criticada. "Se for parente meu vou brigar pra ele ficar aqui. Esse é o melhor hospital público do Rio. Não concordo com isso. Por outro lado, o Miguel Couto fica muito sobrecarregado", analisa o comerciante Paulino de Assis. Já a fonoaudióloga Denise Montez, 46 anos, acha que a decisão é correta. "É boa porque vai diminuir os casos de infecção hospitalar", acredita.

No Hospital da Lagoa, Nalgelina Pereira, 71 anos, teme pelas mudanças. Apesar de não ter ainda nenhuma modificação prevista para o atendimento ambulatorial na Lagoa, a aposentada ficou preocupada. "O atendimento aqui pe muito bom, não pode acabar", diz ela, que mora em Campos Elíseos, na Baixada Fluminense. "Lá não tem hospital que forneça medicamento", afirma ela, que recebe R\$ 150 de aposentadoria.

A Secretaria Municipal de Saúde informou que, antes das modificações, previstas para o fim de junho, será lançada uma campanha de esclarecimento à população.